

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 23-37

TRÊS JAZIDAS PALEOLÍTICAS DO COMPLEXO BASÁLTICO DE LISBOA: DAMAIA, VENTEIRA E CASAL DA BARROCA (AMADORA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Georges Zbyszewski⁽²⁾

1 – INTRODUÇÃO. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os materiais cujo estudo agora se apresenta fazem parte das colecções do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, a quem foram oferecidos pelo Eng. M. Alves Costa, que, na região da Amadora, procedeu nas décadas de 1930 e 1940 à colheita de abundantes materiais paleolíticos. Com efeito, na área adjacente da actual cidade, mercê destes e doutros investigadores locais, de que cabe salientar J. Ollivier, a quantidade e importância dos elementos recolhidos foi tal, que este último considerou justificada a criação do termo “Paleolítico da Amadora”, para descrever o conjunto do espólio paleolítico referido (OLLIVIER, 1951). Contudo, a distribuição das jazidas alarga-se geograficamente, tanto para Este como para Oeste ou para Norte e Sul daquela que foi, justamente, considerada, a área nuclear de achados, sempre em estreita dependência da geomorfologia e características geológicas – daí a designação, mais abrangente, de Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa – cuja identidade e especificidade foi demonstrada recentemente (CARDOSO *et al.* 1992), em

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Academia das Ciências de Lisboa e Instituto Geológico e Mineiro.*

estudo de conjunto dedicado às mais importantes jazidas desta região. As três que agora se estudam, situam-se na zona nuclear dos achados. Como já antes fizemos notar (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 27), tal concentração não se poderá confundir com uma mancha única. Há, com efeito, locais onde se reconhecem escassos ou nenhuns artefactos, contrastando com outros, onde aqueles são abundantíssimos, o que justificou a judiciosa observação de J. FONTES (1912, p. 13), um dos pioneiros do estudo de tais indústrias: “Não são vestígios de uma grande estação, mas caracterizadas estações com instrumentos típicos. São efectivamente pouco afastadas umas das outras, mas por isso, como à primeira vista pareceria, não implica que formem uma única. Se assim fosse, não se compreenderia o encontrarem-se, por exemplo, instrumentos em abundância em A-da-Maia, e nenhuns no espaço que medeia entre esta e a do Casal das Osgas”. Isto, não obstante as lavouras que, desde a Pré-história, mas com especial intensidade do Período Romano aos nossos dias, têm remexido os solos, favorecendo uma dispersão artificial dos artefactos, além das acções naturais que, no decurso dos tempos produziram remobilizações difíceis de quantificar (especialmente a acção da gravidade e o transporte em torrentes de lama). De facto, trata-se, invariavelmente de materiais de superfície, ou jazendo a pequena profundidade, sempre na camada de solo arável. Desta forma, a seriação destas indústrias em termos diacrónicos só será possível tendo em consideração a sua tipologia e estado físico, ou seja, a pátina. Foi com estes critérios que BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942) consideraram os materiais paleolíticos do Complexo Basáltico de Lisboa subdivididos em seis séries sucessivas, as quais constituem, obviamente, uma partição artificial de uma sucessão contínua, denunciando a frequência ininterrupta desta unidade geopedológica natural por gerações e gerações de bandos de caçadores-recolectores.

Deste modo, a constituição de grupos de artefactos com base no seu estado físico, só terá significado se baseado em um número mínimo, representativo do ponto de vista estatístico, por forma a se ultrapassarem as limitações devidas a casos particulares. Preconizámos anteriormente um número mínimo de cem peças (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 31) como susceptível de assegurar aquele desiderato. Como então assinalámos, se há limitações à aplicação do método, há também factores que podem facilitar (e acrescentaremos, validar) a sua utilização. A existência de peças com diferentes pátinas, resultantes da reutilização e re-afeiçoamento em épocas sucessivas, pode constituir bom auxiliar para a confirmação da sequência geral estabelecida, atendendo à fácil coloração que os artefactos adquirem, quando em contacto com os solos basálticos, ricos em óxidos e hidróxidos de ferro. Assim se explicam as pátinas muito escuras, do castanho-chocolate ao quase negro, acompanhadas de intensa eolização e rolamento, nas séries mais antigas (do Acheulense antigo) até às peças esbranquiçadas, não coloridas, dos tempos pós-Paleolíticos, passando pelas colorações castanho-avermelhadas ou amareladas, do Paleolítico médio, com brilho mais

ou menos intenso devido à eolização. Como bem salientou M. HELENO (1956, p. 246), “pode-se argumentar que o seu (de Breuil) critério de classificação, baseado nas pátinas e no desgaste, nem sempre oferece segurança (...).

Mas não se pode negar que a grande soma de observações e materiais colhidos convergentes e concordantes, dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte”. Por outras palavras, a justificação dada, há mais de meio século, por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942, p. 32) para a utilização do método das séries, no estudo de materiais líticos de superfície – constituindo as vastas séries de artefactos paleolíticos dos arredores de Lisboa um campo privilegiado de aplicação do método – é matéria perfeitamente válida e actual: “Dans un milieu sub-aérien donné, tous les cailloux taillés abandonnés par l’homme à la surface du sol ont subi, au cours des âges, les mêmes actions naturelles, thermiques et mécaniques, à moins d’avoir été protégés de ces actions par des dépôts plus récents qui les auraient recouverts. On peut donc, avec une certaine précision, établir la succession approximative des industries, suffisamment écartées dans le temps, d’un gisement sub-aérien, d’après leur état d’usure et leur patine”.

A estação de A-da-Maia, ou modernamente, da Damaia, foi descoberta que em simultâneo e independentemente por V. Correia e J. Fontes, que dela deu uma pequena notícia (FONTES, 1912), atribuindo-lhe, então, maior importância que a outras, descobertas na mesma altura: Casal das Osgas, Quinta de Salregos, Quinta de Alfragide de Baixo e a estação de “Ao pé da estrada de Queluz a Ajuda”. O autor reconhece a presença de artefactos de diversas épocas, do Acheulense, Mustierense e, mesmo do Magdalenense (o que não confirmámos no presente estudo).

Por seu turno, as estações do Casal da Barroca e de Venteira não são mencionadas no ano de 1912, nem por FONTES (1912) nem por CORREIA (1912). O seu descobrimento deve ter-se efectuado em época ulterior, porém antes de 1932, data em que são inventariadas por PAÇO (1932). O mesmo autor, na revisão daquele inventário volta a referir-se-lhe (PAÇO, 1940). Porém, os respectivos materiais mantiveram-se inéditos, tal como aconteceu com os da Damaia. Este facto, e as comparações que, doravante, são viabilizadas pela publicação do estudo de conjunto referido anteriormente (CARDOSO *et al.*, 1992), incluindo os materiais mais importantes desta notável região paleolítica, justificaram a apresentação deste trabalho.

2 – A MATÉRIA-PRIMA

O QUADRO I resume a distribuição dos tipos mais importantes de matéria-prima pelas jazidas estudadas.

A esmagadora maioria dos instrumentos é de sílex, matéria-prima que, pelas suas

privilegiadas características – facilidade de lascagem e dureza – justificaria abastecimento e ulterior transporte para as zonas destas jazidas, onde tal matéria-prima não existe. Documenta-se, assim, um interessante aspecto, ainda não devidamente valorizado antes do trabalho de síntese já referido (CARDOSO *et al.*, 1992), da economia e abastecimento de matérias-primas estratégicas, por parte destas comunidades do Paleolítico, especialmente no Paleolítico médio.

QUADRO I – Distribuição da matéria-prima

		Quartzo (%)	Sílex (%)	Quartzito (%)
Damaia	Série I	1 (0,1)	7 (4,5)	2 (1,3)
	Série II	0 (0)	33 (21,3)	8 (5,2)
	Série III	0 (0)	61 (39,4)	9 (5,8)
	Série IV + V	0 (0)	33 (21,3)	1 (0,6)
Venteira	Série I	0 (0)	0 (0)	1 (0,8)
	Série II	0 (0)	18 (13,8)	0 (0)
	Série III	0 (0)	65 (50)	1 (0,8)
	Série IV + V	0 (0)	44 (33,8)	0 (0)
Casal da Barroca	Série I	0 (0)	3 (4,5)	1 (1,3)
	Série II	0 (0)	16 (21,3)	2 (5,2)
	Série III	0 (0)	65 (39,4)	9 (5,8)
	Série IV + V	0 (0)	4 (21,3)	1 (0,6)

3 – AS INDÚSTRIAS

Os três conjuntos objecto deste estudo possuem interesse desigual. O mais importante, pelo número de peças, corresponde à estação da Damaia, onde se recolheram 154 peças. Na Venteira, obtiveram-se, em três locais próximos uns dos outros, 131 exemplares. Finalmente, o Casal da Barroca forneceu 107 artefactos.

Procurando uniformização na análise destes três conjuntos, tendo em vista a obtenção de elementos susceptíveis de comparação, consideraram-se as seguintes quatro séries gerais, com base sobretudo na patine e na tipologia:

- Série I – Acheulense antigo e médio;
- Série II – Acheulense superior e Mustierense;
- Série III – Mustierense (subdividida em duas sub-séries, III a e III b);
- Série IV + V – Paleolítico superior e pós-Paleolítico.

A Série I integra exemplares de sílex de coloração castanha-escura, muito eolizados, por vezes com arestas boleadas por rolamento. A Série II corresponde a exemplares menos eolizados, com brilho e arestas menos gastas. A Série III é caracterizada por peças com muito brilho e arestas pouco gastas. Por último, as Séries IV e V possuem peças com arestas vivas, sem coloração nem eolização.

Considerando a distribuição tipológica da utensilagem pelas quatro séries gerais descritas, obtiveram-se os resultados, resumidamente apresentados nos QUADROS 2 a 4 para as três estações paleolíticas em apreço.

Considerando a distribuição da utensilagem por séries verifica-se que são, sempre, as séries correspondentes ao Mustierense (ou ao Paleolítico médio, se se preferir uma designação mais abrangente) as melhor representadas. Trata-se de valores que oscilam entre 72% (Casal da Barroca) e 44,9% (Damaia), passando por 50,8% (Venteira). As percentagens indicadas – consideradas representativas, dado o número de peças recolhidas em quaisquer das jazidas ser, sempre, superior a 100 – encontram-se subavaliadas, atendendo a que a Série III integra, também, utensílios de idade Mustierense.

Estes resultados estão conformes às conclusões obtidas no estudo de conjunto já antes citado (CARDOSO *et al.*, 1992). Com efeito, o auge da ocupação paleolítica dos terrenos basálticos dos arredores de Lisboa ter-se-á verificado no Acheulense Superior e Mustierense, embora a região fosse já povoada desde o Pré-Acheulense, há seguramente mais de um milhão de anos (CARDOSO & PENALVA, 1979; CARDOSO, 1995).

A análise da distribuição tipológica da utensilagem pelas cinco séries gerais estabelecidas conduz-nos às seguintes conclusões gerais:

- os bifaces e “unifaces” acantonam-se, apenas, nas séries mais antigas, acheulenses, estando representados somente em Damaia, por escassos exemplares;

- os núcleos poliédricos, correspondentes a técnica de talhe anterior à levallois, são ainda mais escassos que os bifaces e unifaces: apenas dois exemplares em Damaia e um em Venteira. No primeiro caso, são de época mustierense; o último, pertence já ao Paleolítico superior, atestando a sobrevivência de tal técnica, a qual persistiu em épocas muito mais modernas;

- os núcleos mustierenses ou aparentados, além de escassos exemplares levallois, estão, igualmente, mal representados (3 exemplares em Damaia, 1 em Venteira – encosta para Casal do Choupo); todos eles pertencem às séries mustierenses, demonstrando que se trata de técnica de talhe especialmente utilizada nessa época;

- não estão representados seixos afeiçãoados, embora estejam presentes produtos de debitação deles obtidos. Trata-se de exemplares quartzíticos, disponíveis localmente, onde constituíram os últimos testemunhos de níveis detríticos plio-quaterná-

QUADRO II – Damaia. Distribuição da utensilagem

	SÉRIES					
	I	II	IIIa	IIIb	IV	V
Bífaces	1	4	1			
Unífaces		1				
Núcleos e raspadeiras nucleiformes	1		3			2
Núcleos poliédricos				2		
Núcleos discoidais mustierenses				3		
Raspadeiras		1		1		
Raspadeiras nucleiformes				1		
Raspadores e raspadeiras				1		
Raspadores simples convexos	1	1	3	1		
Raspadores simples convexo-côncavos	1	1				
Raspadores simples convexo-côncavos com extremidade em ponta triangular					1	
Raspadores simples côncavos				1		
Raspadores duplos convergentes	1	1	2	3	1	1
Raspadores duplos subrectilíneos		2				
Raspadores subrectilíneos e convexos		3	3	2	1	2
Raspadores duplos subrectilíneos e côncavos			1			
Raspadores duplos subrectilíneos e convexo-côncavos	1	4	1		1	1
Raspadores duplos subrectilíneos côncavos e convexos		1				
id. com extremidade superior em ponta aburilada			1			
Rasp. duplos convexos e subrectilíneo-convexos			1			
Raspadores duplos convexos		2	2	1	2	1
Raspadores duplos convexos e côncavos		6		4	1	1
Raspadores duplos convexo-côncavos			2	1	2	
Rasp. duplos convexo-côncavos e convexos	1	3	2	3	2	2
id. com extremidade superior em furador		1				
Raspadores duplos convexo-côncavos e côncavos		1				
Rasp. duplos convexos com extrem. sup. em ponta triangular				2	4	
Lascas retocadas com extremidade superior em ponta	2					
Lascas retocadas em toda a periferia		8	7	2	1	1
Pontas		1				
Lâminas			1	3	1	1
Lascas retocadas diversas	1		5	3		
Lascas não retocadas						4
Totais	10	41	34	36	18	16

QUADRO III – Venteira. Distribuição da utensilagem

	SÉRIES				
	I	II	IIIa	IIIb	IV
Calotes de seixo	1			1	
Núcleo poliédrico					1
Raspador simples subrectilíneo					1
Raspador simples convexo				2	
Raspador transversal			1		
Raspador transversal denticulado com bordos laterais convexos e côncavos		1			
Raspadores duplos convergentes		3		4	2
Raspadores duplos subrectilíneos			1	1	2
Raspadores duplos subrectilíneos e convexos			1		2
Raspadores duplos subrectilíneos e côncavos		1	1		
Rasp. duplos subrectilíneos e convexo-côncavos				1	1
Raspadores duplos convexos			4	5	1
Rasp. duplos convexos com extremidade em ponta			5		
Raspadores duplos convexos e côncavos		3		3	
Rasp. duplos convexos e côncavos com extremidade em furador				1	1
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos		2		4	2
Raspadores duplos convexo-côncavos				1	1
Rasp. duplos convexo-côncavos com extremidade em ponta				1	
Raspadores duplos convexo-côncavos e côncavos				5	
Raspadores duplos côncavos					1
Lâminas					3
Lascas retocadas em toda a periferia		7	6	7	4
Lascas retocadas diversas				2	
Totais	1	18	18	40	20

Encosta fronteira a Venteira junto da linha férrea		
	IIIb	IV
Raspadores duplos convexos e convergentes	1	1
Raspador duplo subrectilíneo		1
Raspadores duplos convexos		2
Raspadores duplos convexos e côncavos		3
Raspadores duplos convexo-côncavos	1	
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos		2
Totais	2	9

QUADRO III (continuação) – Venteira – Encosta para Casal do Choupo

	SÉRIES		
	IIIa	IIIb	IV
Núcleos mustieróides		1	
Raspadores simples convexos		1	
Raspadores duplos subrectilíneos		1	
Raspadores duplos subrectilíneos e convexos			2
Raspadores duplos subrectilíneos e convexo-côncavos			1
Raspadores duplos convexos			1
Raspadores duplos convexo-côncavos			2
Raspadores duplos convexos e côncavos		1	2
Raspadores duplos triangulares e convexos com extremidade em ponta	1		
Lascas retocadas em toda a periferia			1
Lascas retocadas diversas			1
Totais	1	4	10

Parte inferior da encosta da Venteira junto da estrada de Sintra		
	III	IV
Raspador simples subrectilíneo	1	
Raspador duplo subrectilíneo e convexo		1
Raspador duplo convexo		1
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos		2
Lascas retocadas em toda a periferia		1
Totais	1	5

rios, relacionados com altos níveis de estacionamento marinho (CARDOSO & PENALVA, 1979; CARDOSO, 1995);

– os raspadores simples e duplos constituem as categorias mais abundantes de artefactos. Estão representados em todas as séries das três jazidas. São mais abundantes os raspadores duplos, nos diversos tipos em que se podem desdobrar: convergentes, convexos, convexo-côncavos, rectilíneos, etc. Trata-se de um tipo de artefactos cuja manufactura era favorecida pela boa qualidade da matéria-prima disponível: o sílex. A morfologia, sempre idêntica, destas peças, que correspondia à funcionalidade idealmente delas pretendida, manteve-se inalterada desde o Mustierense até épocas pós-paleolíticas;

QUADRO III – Casal da Barroca. Distribuição de utensilagem

	SÉRIES				
	I	II	IIIa	IIIb	IV
Raspadeiras nucleiformes				1	
Raspadeiras e raspadores				1	
Raspadores simples convexos		5		2	
Raspadores simples côncavos			2		
Raspadores transversais		2		1	
Raspadores duplos convergentes		1	13	4	
Raspadores duplos subrectilíneos e convexos			5	3	1
Raspadores duplos subrectilíneos e convexo-côncavos				1	1
Raspadores duplos subrectilíneo-convexos e convexo-côncavos			1		
Raspadores duplos convexos	1	1	4	4	
Raspadores duplos convexos e convexo-côncavos			4	3	1
Raspadores duplos convergentes convexos e côncavos				1	
Raspadores duplos convexos e côncavos	1	4	8	3	
Raspadores duplos convexo-côncavos	1	3			1
Raspadores duplos convexo-subrectilíneos e convexo-côncavos	1				
Raspadores duplos concâvos			1		
Lâminas		2			
Pontas				2	
Tarières (Trados)			2		
Lascas retocadas em toda a periferia				6	7
Totais	4	18	42	32	4

– outros grupos tipológicos – pontas, raspadeiras, furadores – ou não se encontram representados ou apresentam-se documentados por escassos exemplares, desprovidos de interesse comparativo;

– enfim, como seria de esperar, as lâminas concentram-se nas séries mais recentes, a partir do Mustierense.

4 – CONCLUSÕES

A conclusão geral extraída do estudo comparado da distribuição do instrumental lítico nas três estações em causa é a de que existe homogeneidade em tal distribui-

ção; por outras palavras, a evolução diacrónica da distribuição tipológica nos três casos não evidencia assimetrias. Tal situação, reforçando as conclusões antes obtidas (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 200), vem acentuar o carácter uniforme das jazidas de superfície paleolíticas dos terrenos basálticos dos arredores de Lisboa, validando a designação então adoptada: a de Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa, constituindo uma das concentrações mustierenses mais notáveis do todo peninsular.

Infelizmente, as limitações inerentes à própria amostragem – antigas colheitas, não exaustivas nalguns casos, desprezando sobretudo lascas sem trabalho – impedem a aplicação de métodos de análise tipológica mais “finos”, designadamente sobre a técnica de lascamento.

As três estações paleolíticas cujos materiais damos neste trabalho a conhecer inscrevem-se na zona nuclear de achados, a qual tem vindo a ser progressivamente ocupada por urbanizações. Foi o que aconteceu com os três locais em questão. Desta forma, o estudo de tais materiais, hoje só possível pela análise de colecções outrora recolhidas, reveste-se de interesse adicional – além do que advém da caracterização arqueológica – por constituir registo de testemunhos desaparecidos de presenças de comunidades que habitaram, desde o Paleolítico inferior arcaico, uma das regiões mais densamente povoadas, na actualidade, do nosso País.

Outro aspecto digno de realce respeita à demonstração, já documentada noutros locais, de um abastecimento de matéria-prima, a partir de fontes regionais; com efeito, na zona onde as três jazidas se implantam, não se encontra disponível o sílex, matéria-prima largamente dominante. Teriam de ser percorridos alguns quilómetros para que, nos afloramentos calcários a Norte da Amadora, do Cenomaniano superior, se obtivessem nódulos siliciosos susceptíveis de serem aproveitados, por transformações efectuadas no local de extracção ou no de utilização: questão interessante, que o presente estudo veio demonstrar, no seguimento de considerações anteriores (CARDOSO *et al.*, 1992).

BIBLIOGRAFIA

- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal e de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'estuaire du Tage. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 23, p. 1-369.
- CARDOSO, J.L. (1995) – As mais antigas presenças humanas na Estremadura. Palestra proferida nos *I Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (Câmara Municipal de Cascais / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, Junho de 1994. Cascais. Actas, p. 85-116. Câmara Municipal de Cascais.

- CARDOSO, J.L. & PENALVA, C. (1979) – Vestígios de praia calabriana com indústrias da “Pebble Culture” no Alto de Leião – Paço de Arcos. *Bol. Soc. Geol. Port.*, 21 (2/3), p. 185-196.
- CARDOSO, J.L.; ZBYSZEWSKI, G. & ANDRÉ, M.C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, p. 1-645.
- CORREIA, V. (1912) – O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 55-69.
- FONTES, J. (1912) – Subsídios para o estudo do Paleolítico Português. *O Arqueólogo Português*, 17, p. 22-41.
- HELENO, M. (1956) – O Professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*, S. II, 3, p. 239-246.
- OLLIVIER, J. (1951) – Industries anciennes du Paléolithique d'Amadora. *O Arqueólogo Português*, S. II, 1, p. 63-82.
- PAÇO, A. do (1932) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 1. Reedição em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 121-143 (Lisboa, 1970), Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Actas do I Congresso do Mundo Português* (Lisboa, 1940), 1, p. 129-158.

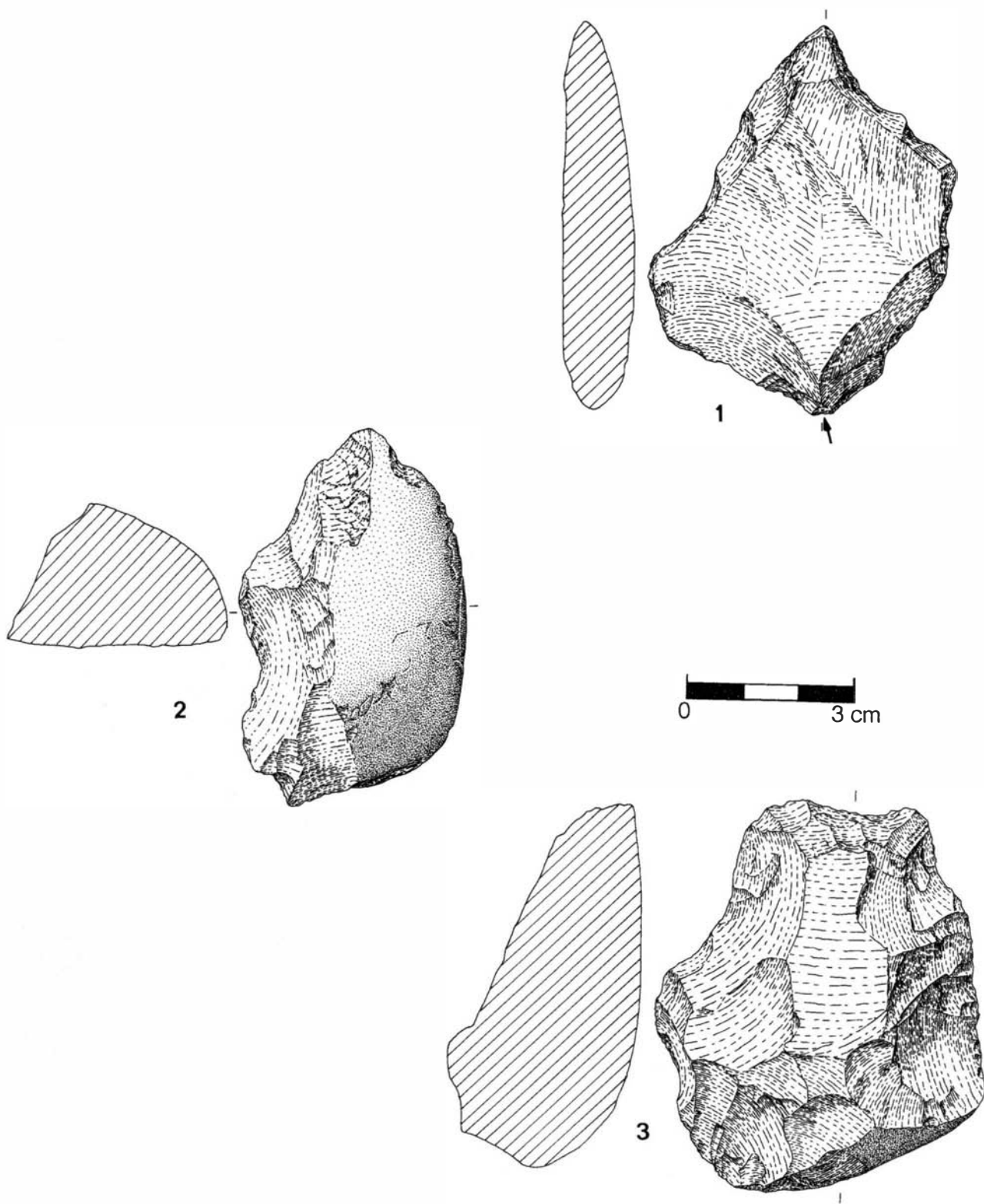


Fig. 1 – Peças da jazida paleolítica de Damaia: 1 - Lasca de quartzito afeiçoada em ponta. Acheulense antigo e médio (Série I); 2 - Lasca sobre seixo de quartzito afeiçoada em raspador simples denticulado. Acheulense superior (Série II); 3 - Raspador duplo convexo-côncavo sobre calote de seixo, achatada. Mustierense (Série III a).

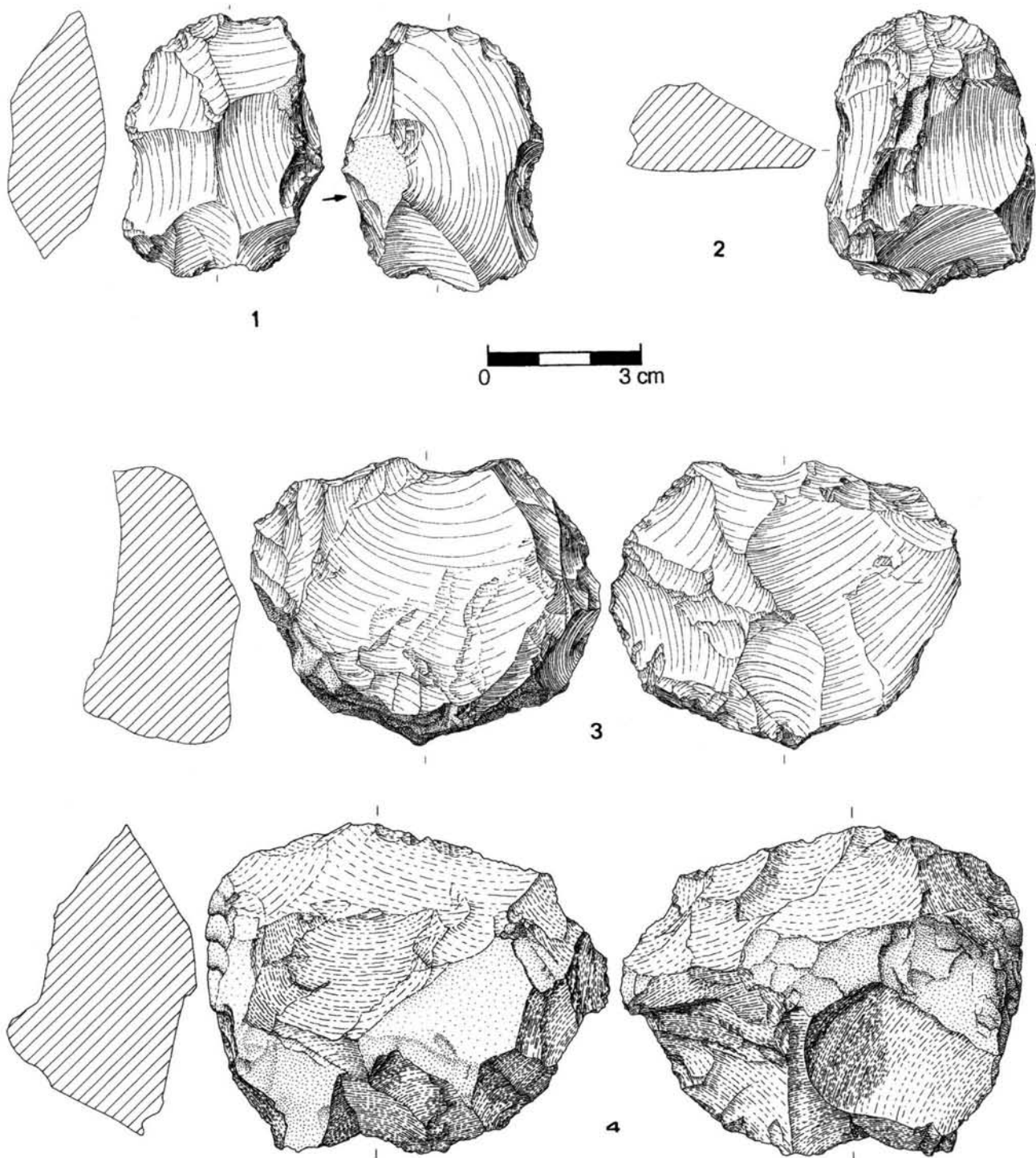


Fig. 2 – Peças da jazida paleolítica de Damaia: 1 - Núcleo mustierense de sílex. Mustierense (Série III b); 2 - Raspadeira sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 3 - Núcleo levallois de sílex, achatado. Mustierense (Série III a); 4 - Núcleo mustierense de sílex. Mustierense (Série III b).

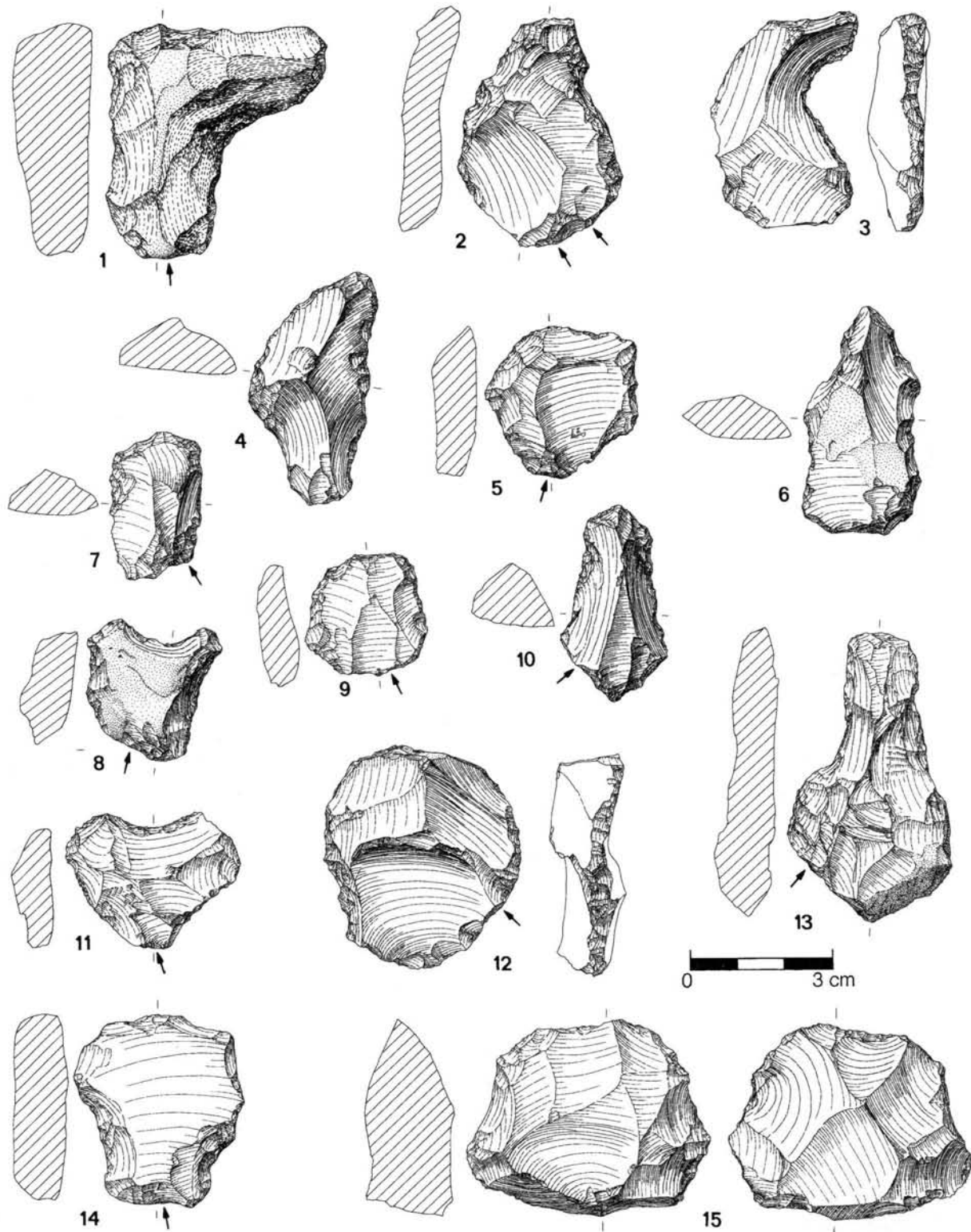


Fig. 3 – Peças da jazida paleolítica de Venteira: 1 - Raspador duplo retilíneo-côncavo sobre lasca de quartzito. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 2 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 3 - “Encoche” lateral sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 4 - Raspador duplo convergente dissimétrico sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 5 - Raspador sub-discóide retocado em toda a periferia. Paleolítico superior e pós-paleolítico (Série IV); 6 - Furador de bordos denticulados sobre lasca de sílex. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 7 - Raspadeira sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 8 - Raspador transversal côncavo sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 9 - Raspador sub-discóide, retocado em toda a periferia. Mustierense (Série III a); 10 - Raspador duplo convergente espesso sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 11 - Raspador transversal côncavo sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 12 - Raspador sub-discóide, com desenvolvida frente em raspadeira, sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 13 - Raspador duplo côncavo-subretilíneo sobre lasca espessa de sílex. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 14 - Raspadeira sobre lasca de sílex retocada em toda a periferia. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 15 - Núcleo mustierense de sílex (Venteira – encosta para Casal do Choupo). Mustierense. (Série III b).

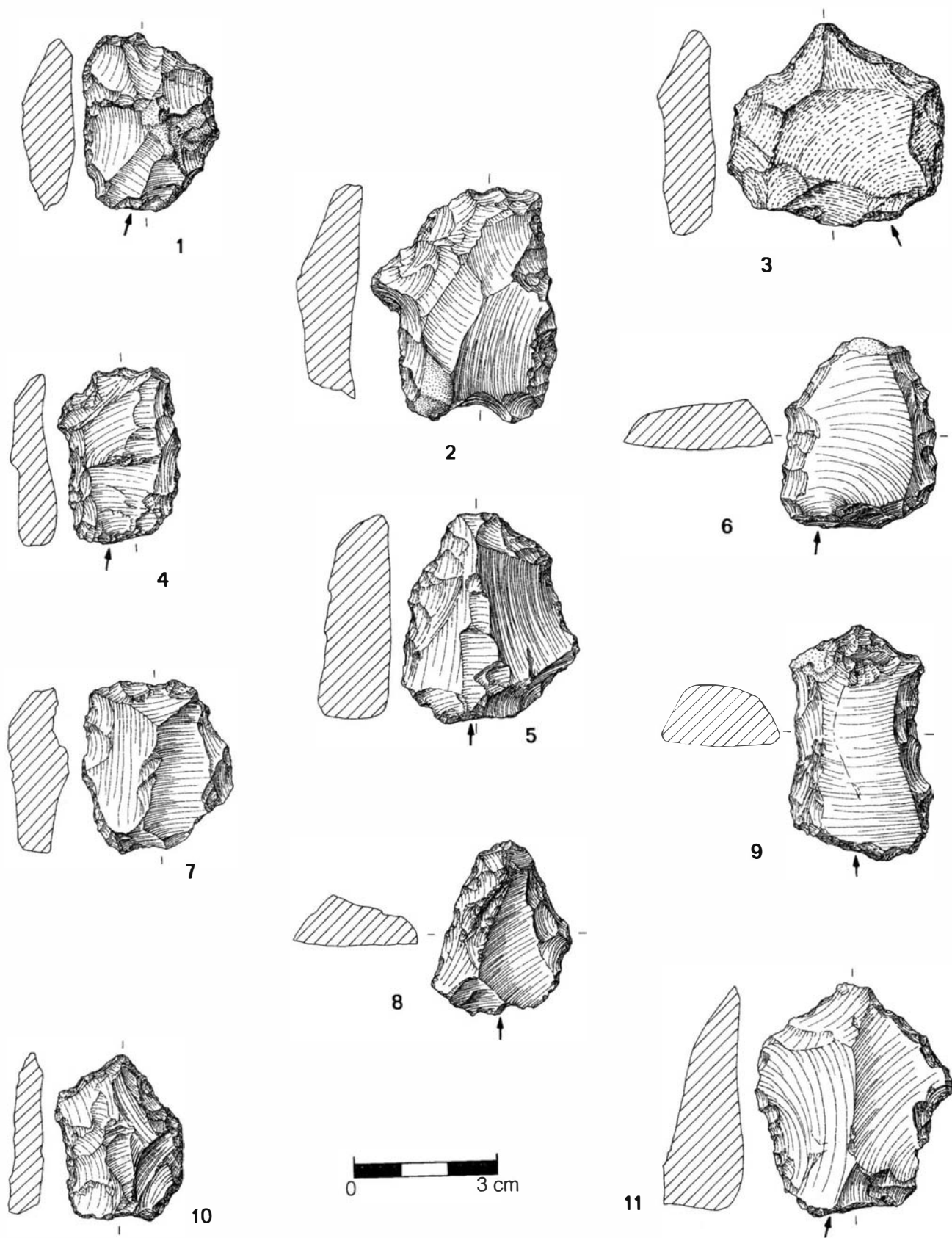


Fig. 4 – Peças da jazida paleolítica de Casal da Barroca: 1 - Raspador duplo rectilíneo-convexo, sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 2 - Raspador duplo convexo-côncavo, com ponta lateral, sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 3 - Ponta sobre lasca, de quartzito. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 4 - Denticulado sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 5 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 6 - Raspador duplo convexo sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 7 - Raspador retocado em toda a periferia sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 8 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b); 9 - Raspador duplo côncavo, sobre lasca de sílex. Acheulense superior e Mustierense (Série II); 10 - Ponta sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III a); 11 - Raspador duplo convergente sobre lasca de sílex. Mustierense (Série III b).